

Honorável Lama Cirurgião Médico
Tuesday Lobsang Rampa

ENTRE OS MONGES DO TIBETE

* * *

* 3 *

* * *

A VERDADE INACREDITÁVEL

Poucos livros deram origem a uma controvérsia tão grande, nos últimos anos do que “A TERCEIRA VISÃO”, de Lobsang Rampa, e os demais trabalhos por ele escritos.

O motivo para tal é bastante simples. Quando um cidadão inglês afirma que o seu corpo foi tomado pelo espírito de um Lama Tibetano, certamente poderá contar com acérrimas críticas. E quando, além disso, ele narra factos e acontecimentos extraordinários, e os narra com muitos detalhes, o que leva à suposição da posse de faculdades pessoais inteiramente fora das leis da natureza como as conhecemos hoje, nesse caso a reacção se transforma num grande clamor, o que não é de estranhar.

Clamores deste tipo, entretanto, advêm às vezes da ignorância, pois entrever de relance o que antes não conhecíamos é algo sempre perturbador. O facto de que o Dr. Rampa tenha, hoje, milhares de leitores por todo o mundo, constitui uma indicação de que nem todos os espíritos se encontram fechados e nem são contra o que é desconhecido.

E para esse grande número de leitores - e não menos para os cépticos que não conseguiram provar ou desmentir a sua narrativa, ou explicar como terá obtido esses conhecimentos, se a mesma não for verídica - que o Dr. Rampa escreveu este terceiro livro.

ENTRE OS MONGES DO TIBETE, de Lobsang Rampa, é a sua resposta a todos os críticos, e cada página traz a sua garantia inflexível da verdade.

PREFÁCIO DO AUTOR

— Não fique sentido — disse o Sr. Editor.

“Pois muito bem”, pensava eu, “mas por que motivo haveria de ficar? Estou apenas a procurar realizar o meu trabalho, que é escrever um livro conforme determinaram que o fizesse.”

— Nada contra a imprensa! — disse o Sr. Editor. — Nada! “Ora, ora”, pensava eu. “Por quem julga ele que me está a tomar?” E assim será: nada contra a imprensa. Afinal de contas, os jornalistas pensam estar a cumprir a sua tarefa, e se recebem dados e informação incorrectos, nesse caso não lhes cabe toda a responsabilidade pelo que dizem. Ainda assim, o leitor quer conhecer a minha opinião a respeito da imprensa? Ah, bem...

Vamos ficar por aqui. Este livro é o terceiro, vindo após “A Terceira Visão” e o “O Médico de Lhasa”. Logo de início vou-lhes dizer que esta é a Verdade, não ficção. Tudo quanto escrevi nos dois livros anteriores é verdadeiro e regista a minha própria vivência pessoal.

O que vou contar, desta vez, diz respeito às ramificações da personalidade humana e ao ego humano, assunto este no qual nós, do Extremo Oriente, somos muito profundos.

Basta de prefácio, portanto. Este livro é a coisa em si, e o que tenho a narrar.

CAPITULO 1

Os picos escarpados do Himalaia rasgavam com decisão o púrpura vivo dos céus tibetanos, ao cair da tarde. O sol poente, encoberto por aquela cordilheira poderosa, atirava cores cintilantes e iridescentes sobre a capa branca de neve que desce permanentemente dos pontos mais altos. O ar mostrava-se cristalinaamente claro, revigorante, permitindo uma visibilidade quase limitada.

À primeira vista, a paisagem desolada e congelada parecia inteiramente destituída de vida. Nada se mexia, nada se agitava, senão o pendão comprido de neve que se balançava, lá em cima. Aparentemente nada podia viver naqueles ermos montanhosos e inóspitos, nenhuma vida pudera instalar-se ali, desde o início do próprio Tempo.

Apenas quem soubesse, apenas aqueles a quem fora repetidamente mostrado, podiam perceber — com dificuldade — os leves traços a indicar que ali viviam seres humanos. Somente o conhecimento anterior poderia guiar os passos de alguém, naquele lugar agreste e interdito. Nesse caso, a pessoa veria a entrada encoberta por sombra, a entrada de uma caverna profunda e sombria, caverna essa que era apenas o vestíbulo de uma miríade de túneis e câmaras subterrâneas, estendidas no seio daquela austera cordilheira.

Muitos meses antes, os lamas mercedores da maior confiança, agindo como trabalhadores braçais, haviam penosamente percorrido as centenas de quilómetros desde Lhasa, levando os Segredos antigos para aquele lugar, onde estariam para sempre a salvo dos vândalos chineses e dos traidores tibetanos comunistas. Também para lá, com labuta e sofrimento infinitos, haviam sido levadas as Figuras Douradas das Encarnações passadas, para serem instaladas e veneradas, no coração de uma montanha. Os Objectos Sagrados, as escrituras antiquíssimas e os sacerdotes mais veneráveis e eruditos ali se encontravam a salvo. Anos atrás, com pleno conhecimento da invasão comunista que se avizinhava, os fiéis Abades haviam-se reunido periodicamente em solene conclave, a fim de submeterem à prova, e seleccionar, aqueles que deveriam seguir para o distante Novo Lar. Um após outro, os sacerdotes tinham sido examinados e postos à prova, e sem terem conhecimento disso, e examinados os seus registos, de modo que apenas os mais excelentes e os mais espiritualmente adiantados fossem escolhidos. Homens cujo preparo e fé possibilitassem, se surgisse a necessidade, suportar as maiores torturas que os chineses pudessem infligir, sem deixarem transpirar dados informativos que fossem de importância vital.

Assim é que, com o tempo, saindo de uma Lhasa dominada pêlos comunistas, eles haviam chegado a seu Novo Lar. Nenhuma aeronave portadora de cargas bélicas atingiria aquela altitude. Nenhum soldado inimigo conseguiria sobreviver naquela região árida, destituída de solo, rochosa e traiçoeira, com enormes pedras instáveis e abismos tremendos. A terra era tão alta e tão pobre que até o oxigénio do ar só podia ser respirado por um povo montanhês resistente. E ali, finalmente, no abrigo das montanhas, estava a *Paz*.

Paz para trabalhar a fim de resguardar o futuro, preservar o Conhecimento Antigo e aguardar, preparados, a ocasião em que o Tibete se levantaria outra vez, libertando-se do agressor.

Milhões de anos antes aquilo fora uma cordilheira de vulcões a vomitar fogo e a derramar rochas eruptivas e lava sobre a face do jovem planeta que era a Terra. O mundo mostrava-se semi plástico, porque sofria as dores de parto de uma nova era. Por um número incontável de anos, as chamas foram-se acalmando e as rochas semi derretidas tinham arrefecido. A lava havia passado pela última vez e os jactos gasosos vindos do interior da Terra tinham expulsado a matéria remanescente para o ar livre, deixando um número imenso de canais e túneis vazios. Alguns tinham sido soterrados por desabamento de rochas, mas outros haviam permanecido intactos, duros como vidro e listrados com traços de metais anteriormente em fusão. De algumas paredes internas desciam nascentes de montanha, puras e cristalinas e mais um qualquer raio de luz.

Por séculos consecutivos os túneis e cavernas permaneceram sem vida, abandonados, conhecidos apenas pelos lamas em viagem astral, que podiam visitar qualquer lugar e ver tudo.

Os viajantes astrais haviam varrido o país, procurando um refúgio assim, e agora, com o terror rondando a terra do Tibete, os corredores antigos encontravam-se povoados pela elite de um povo espiritual, povo destinado a erguer-se novamente quando chegasse o momento.

Enquanto os primeiros monges cuidadosamente escolhidos seguiam rumo ao norte, a fim de preparar um lar dentro da rocha viva, outros, em Lhasa, acondicionavam os artigos mais preciosos e faziam os preparativos para saírem sem ser percebidos. Dos mosteiros lamaístas e conventos vinha um número pequeno, composto por aqueles que haviam sido escolhidos.

Em grupos pequenos, e sob a calada da noite, eles viajaram para um lago distante e ali montaram acampamento, aguardando os demais.

No Novo Lar, fora fundada uma Nova Ordem, a Escola de Conservação do Conhecimento, e o Abade encarregado da mesma, velho e sábio monge com mais de cem anos de idade, havia com sofrimento indescritível viajado para as cavernas no interior das montanhas. Com ele tinham vindo os mais sábios da Terra, os Lamas Telepatas, os Clarividentes e os Sábios de Grande Memória. Devagar, no decurso de muitos meses, tinham ascendido cada vez mais às cordilheiras, com o ar a tornar-se cada vez mais escasso à medida que subiam. Havia vezes em que menos de dois quilómetros era o máximo que seus corpos idosos podiam percorrer por dia, aos tropeços sobre rochedos e penhascos enormes, o vento eterno das altitudes a inflar-lhes os hábitos, ameaçando arrebatá-los. E de outras vezes, fendas profundas no terreno obrigavam a uma volta árdua e prolongada. Durante quase uma semana o antigo Abade foi obrigado a permanecer no interior de uma tenda hermética, feita com couro de iaque, enquanto ervas e poções estranhas exalavam oxigénio para aliviar-lhe pulmões e coração torturados. E depois, com decisão sobre-humana, ele prosseguiu na espantosa jornada.

O que finalmente chegou ao seu destino, era um grupo reduzido, pois muitos haviam caído pelo caminho. Gradualmente eles se habituaram à vida diferente, os Escribas registraram com cuidado o relato da jornada, e os Entalhadores prepararam devagar os blocos para imprimir manualmente os livros. Os Clarividentes olharam o futuro, predizendo, predizendo o futuro do Tibete e de outros países. Esses homens, de pureza absoluta, estavam em contacto com o Cosmo e com o Registro Akáshico, o Registro que narra tudo com relação ao passado e presente imediato, em qualquer parte, e mais todas as probabilidades para o futuro. Também os Telepatas se encontravam ocupados, enviando mensagens a outros no Tibete, mantendo-se em contacto com os membros da sua Ordem por toda parte — mantendo-se em comunicação *comigo!*

“Lobsang. Lobsang!”

O pensamento repercutiu na minha cabeça, fazendo com que eu sáísse do devaneio. As mensagens telepáticas nada tinham de estranho para mim, eu as achava mais comuns do que uma chamada telefónica, mas aquela mostrava-se insistente. Por algum motivo, ela se mostrava um tanto ou quanto diferente das demais. Eu logo afrouxei o corpo, sentando-me na posição de lótus, abrindo a mente e colocando o corpo à vontade. E então, receptivo às mensagens telepáticas, aguardei. Por algum tempo não houve coisa alguma, apenas uma sondagem delicada, como se “Alguém” estivesse espiando através dos meus olhos e vendo. Vendo o quê?

O enlameado rio Detroit, os grandes arranha-céus da cidade de Detroit. A data na folhinha à minha frente, 9 de abril de 1960.

E, de novo... nada. De repente, como se o “Alguém” houvesse chegado a uma decisão, a Voz veio novamente.

— Lobsang. Você tem sofrido muito. Você tem andado bem, mas não há tempo para vangloriar-se. Você ainda tem uma tarefa a executar.

Houve uma pausa, como se quem falasse fosse inesperadamente interrompido, e eu fiquei à espera, abatido e inteiramente apreensivo. Eu já tivera padecimentos e sofrimentos mais do

que suficientes naqueles últimos anos. Mais do que o bastante com mudanças de local, em ser perseguido e caçado. Enquanto esperava, recebi pensamentos telepáticos fugazes de pessoas próximas, embora separadas de mim por paredes. A rapariga que batia impacientemente com a ponta do pé no chão, aguardando na paragem das camionetas diante da minha janela, pensando: “Oh, esta companhia de transportes é a pior do mundo! Será que ele não vem?” Ou o homem que entregava uma encomenda na casa ao lado: “Tenho de pedir um aumento ao patrão. A Millie vai ficar uma fera, se eu não arranjar mais algum dinheiro para ela!”

Enquanto eu suponha e imaginava quem seria essa “Millie”, assim como uma pessoa pensa em qualquer outra coisa enquanto aguarda ao telefone, a voz interna e insistente retornou.

— Lobsang! Tomamos uma decisão. Chegou a hora de você escrever novamente. O livro seguinte será uma tarefa de máxima importância. Você deverá escrever frisando o tema de que uma pessoa pode apoderar-se do corpo de outra, tendo o inteiro consentimento da última.

Movi-me em sobressalto, desanimado, e quase rompi o contacto telepático. *Eu* escrever outra vez? E sobre *isso*? Já me tornara uma “figura controversa” e a cada instante detestava isso.

Eu sabia ser verdade tudo quanto antes afirmara, sabia que tudo quanto escrevera era a verdade absoluta, mas de que serviria causar alvoroço na imprensa, que estava mergulhada numa temporada de tolices? Não podia entender e fiquei confuso e muito desalentado, como um homem à espera da pena capital.

— Lobsang! — e a voz telepática agora estava cheia de severidade, com uma aspereza que pareceu aplicar um choque eléctrico no meu cérebro estupidificado. — Lobsang! Nós estamos em melhor posição para julgar, pois você encontra-se imerso nas coisas do Ocidente. Nós podemos avaliar, estando de fora. Você tem apenas as notícias locais. Nós as temos de todo o mundo.

Permaneci em humilde silêncio, aguardando a continuação da mensagem e concordando, no meu íntimo, que “Eles” obviamente sabiam o que era mais certo. Após algum intervalo, a Voz voltou:

— Você sofreu muito, injustamente, mas foi por uma boa causa. O seu anterior trabalho levou a muitos um grande bem, mas você está doente, e o seu juízo já está a ficar defeituoso e distorcido acerca da matéria do livro seguinte.

Enquanto ouvia, estendi a mão para apanhar o meu cristal muito antigo e segurei-o diante de mim, sobre o seu pano negro e opaco.

Rapidamente o vidro se nublou e tornou-se leitoso. Surgiu uma fresta e as brancas nuvens se afastaram, como cortinas, deixando entrar a luz da aurora. Eu vi e ouvi. Uma distante visão do imponente Himalaia, com os seus cumes cobertos de neve. Uma sensação acentuada de queda, tão forte que senti o estômago subir.

A paisagem tornou-se maior e, então, surgiu a Caverna, o novo Lar do Conhecimento. Vi um Velho Patriarca, uma figura muito antiga, sentado sobre um tapete dobrado e feito com lã de iaque.

Embora fosse um Alto Abade, estava vestido em simples hábito descolorado e esfarrapado, que parecia quase tão antigo quanto ele próprio. A sua cabeça alta e abobadada brilhava como pergaminho antigo, e a pele das suas velhas e enrugadas mãos mal encobria os ossos que as sustentavam. Era uma figura venerável, com uma forte aura de poder e a serenidade infável que o conhecimento verdadeiro proporciona. Ao seu redor, formando um círculo do qual ele era o centro, estavam sentados sete lamas de elevado grau, em atitude de meditação, tendo as palmas das mãos voltadas para cima e os dedos entrelaçados na imemorial posição simbólica. As suas cabeças, levemente inclinadas para à frente, apontavam todas para mim. No cristal, era como se eu estivesse na mesma caverna vulcânica em que eles se encontravam, como se estivesse à sua frente. Conversávamos como se estivéssemos em real contacto físico.

— Você envelheceu muito — disse um.

— Os seus livros levaram alegria e luz a muitos. Não fique desanimado por causa de uns poucos que têm inveja e disposição perversa — disse outro.

— O minério de ferro pode achar-se inutilmente torturado na fornalha, mas quando a lâmina temperada do mais fino aço recorda a sua formação, ela sabe que valeu a pena — disse um terceiro.

— Estamos a perder tempo e energia — disse o Velho Patriarca. — O coração dele no seu peito está doente e ele encontra-se à sombra do Outro Mundo. Não devemos sobrecarregar as suas forças ou a sua saúde, pois ele tem essa tarefa a cumprir.

Formou-se novamente um silêncio, desta vez um silêncio curativo, enquanto os Lamas Telepáticos despejavam em mim energia vital, energia essa que muitas vezes me faltava, desde que tivera o segundo ataque de trombose coronária. O quadro à minha frente, e do qual parecia fazer parte, tornou-se mais brilhante, quase mais brilhante do que a realidade. Foi quando o Ancião olhou e falou:

— Meu Irmão — principiou, o que certamente constituía uma honra, embora eu também fosse um Abade —, temos de levar ao conhecimento de muitos a verdade de que um Ego pode abandonar voluntariamente o seu corpo e permitir que outro Ego se apodere do corpo abandonado e o reanime. É essa a sua tarefa, a de transmitir esse conhecimento.

Aquilo era certamente uma surpresa. Minha tarefa? Eu jamais desejara fazer publicidade sobre essas questões, preferindo continuar silencioso até mesmo quando auferiria vantagens materiais em dar informações. Acreditava que, no esotericamente cego Ocidente, a maioria das pessoas estaria melhor se não tivesse conhecimento dos mundos ocultos.

Tantos “ocultistas” que eu havia encontrado possuíam, na verdade, um conhecimento tão pequeno!

E o conhecimento insuficiente é algo muito perigoso. A minha introspecção foi interrompida pelo Abade. — Como você bem sabe, estamos no limiar de uma Nova Era, uma Era aonde se pretende que o Homem seja purificado da escória, e viva em paz com os ademais e consigo próprio. As populações serão estáveis, sem aumentar ou diminuir, e isso sem os intuitos bélicos, pois um país em que a população aumente, tem de recorrer à guerra para obter mais espaço. Nós queremos que as pessoas saibam como um corpo pode ser abandonado, como fosse um velho e inútil traje, pode ser passado a outro, que necessita desse corpo para algum propósito especial.

Tive um sobressalto involuntário. Sim, eu sabia isso tudo, mas não contara ter de *escrever* a seu respeito. O plano assustava-me.

O velho Abade sorriu por instante, enquanto dizia:

— Vejo que a ideia, a tarefa, não encontra a sua simpatia, meu Irmão. Mas até mesmo no Ocidente, no que chamam crença cristã, existe o registro de numerosos exemplos de “possessão”.

Que tantos casos sejam encarados como males, ou resultado de magia negra, é um facto deplorável e demonstra, apenas, a atitude dos que pouco sabem a respeito. A sua tarefa será a de escrever, de modo que quem tenha olhos possa ler, e os que estejam prontos fiquem a saber.

“Suicidas”, pensei. “As pessoas correrão a suicidar-se, quer seja para fugirem às dívidas e problemas ou então para favorecerem outras, na obtenção de um corpo”.

— Não, não, meu Irmão — disse o Velho Abade. — Você está enganado.

Ninguém pode escapar às suas dívidas pelo suicídio, e ninguém pode deixar um corpo por outro, ainda, a menos que prevaleçam as circunstâncias especiais que o permitam. Temos de aguardar o advento da Nova Era, e ninguém poderá abandonar justamente o seu corpo, senão quando transcorrido o tempo que lhe foi dado. Por enquanto, apenas quando as Forças Maiores o permitirem é que isso poderá ser realizado.

Olhei para os homens à minha frente, observando a palpitação de luz dourada ao redor das suas cabeças, o azul eléctrico da sabedoria nas suas auras e o intercâmbio de luz vinda dos seus Cordões Prateados. Era um quadro em cores vivas, formado por homens sábios e puros, homens austeros, ascetas, separados do mundo, controlados e confiantes.

“Fica muito bem para eles”, estava pensando. “Não têm de viver na confusão da vida ocidental”. Da outra margem do enlameado rio Detroit, o rugido do tráfego vinha em ondas sonoras. Um vapor navegando pelos Grandes Lagos passava diante da minha janela, quebrando a capa de gelo que encobria o rio à sua frente, com estalidos e estrondos. Vida ocidental? Barulho, ruído, estardalhaço. Rádios berrando e declarando os alegados méritos de uma agência de automóveis, e logo outra, e mais outra.

No Novo Lar havia paz, paz para trabalhar, paz para pensar, sem ser preciso imaginar quem pelas costas, apunhalaria o outro, a fim de obter apenas alguns dólares.

— Meu Irmão — disse o Ancião —, *nós* vivemos na “confusão” de um país invadido, onde a oposição ao opressor significa morrer após torturas lentas. O nosso alimento tem de ser trazido a pé por mais de cento e oitenta quilômetros de traiçoeiras trilhas montanhosas, onde um passo em falso, ou uma pedra solta, pode mandar o infeliz para uma imensa queda e à morte. Nós vivemos com uma tigela de tsampa, o suficiente para um dia. Para beber, temos as águas dos riachos da montanha. O chá é um luxo desnecessário, e aprendemos a viver sem ele, pois desfrutar prazeres que acarretam riscos para outros constitui um mal. Olhe mais atentamente para o cristal, meu Irmão, e procuraremos mostrar-lhe a Lhasa de hoje.

Ergui-me do assento perto da janela e verifiquei se as três portas do meu quarto estavam bem fechadas à chave. Não havia nenhum meio de silenciar o incessante rugido do tráfego, tráfego esse à beira do rio, no Canadá, e o zumbido mais abafado de Detroit, cidade ruidosa e movimentada. Entre mim e o rio havia a estrada principal, a mais próxima, e as seis pistas da ferrovia. Barulho? Não terminava! Dando um último olhar ao cenário moderno e agitado, fechei as persianas e retomei o lugar, de costas para a janela.

À minha frente, o cristal pulsava com luz azul, que se modificava e rodopiava quando eu me voltei para ele. Quando o agarrei e o encostei ao de leve na testa para novamente estabelecer contacto - ele pareceu estar quente nos meus dedos, o que era um sinal de que muita energia estava a ser dirigida para ele, provinda de uma fonte externa.

O rosto do Velho Abade estava voltado para mim com um ar benevolente, e um leve sorriso perpassou-lhe a fisionomia.

E logo pareceu ter ocorrido uma explosão. A visão tornou-se desorientada; um pano remendado com miríade de cores sem relação umas com as outras e faixas agitavam-se.

De repente, foi como se alguém tivesse aberto uma porta, uma porta no céu, e eu estivesse de pé à beira daquela porta aberta. Desapareceu toda a sensação de estar a “olhar para um cristal”. Eu estava lá!

Abaixo de mim, brilhando suavemente à luz do sol poente, estava a minha terra, a minha Lhasa. Aninhada sob a protecção das cordilheiras imensas, tendo o Rio Feliz correndo velozmente pelo vale verde. Eu senti novamente as fortes dores de saudade pela minha pátria. Todos os ódios e dificuldades da vida ocidental cresceram dentro de mim, e pareceu-me que o meu coração ia estourar. As alegrias e tristezas e a rigorosa preparação que eu tivera ali, a visão da minha terra natal, tudo isso levou os meus sentimentos a revoltarem-se perante a cruel falta de compreensão dos ocidentais.

Mas eu não estava lá apenas para satisfazer-me! Devagar, pareceu-me que estava a baixar pelo céu, baixando como se estivesse a bordo de um balão que descia com suavidade. A uns mil metros acima da superfície, tive uma exclamação de espanto horrorizado. *Aeroporto?* Havia aeroportos ao redor da Cidade de Lhasa! Muitas coisas pareciam-me desconhecidas, e olhando ao redor, vi que haviam duas novas estradas passando sobre as cordilheiras e tornando-se menores em direcção à Índia. Havia tráfego, de veículos de rodas, que seguiam com rapidez por elas. Baixei mais, sob o controle daqueles que me haviam ali trazido. Mais baixo, e vi escavações onde escravos preparavam alicerces, sob o controle de chineses armados. Horror dos Horrores! Bem ao pé da gloriosa Potala estendia-se um feio acampamento de barracas, servido por uma rede de estradas de terra. Fios ligavam aquelas construções e conferiam um ar desmazelado ao lugar. Olhei para a Potala, e... pelo Sagrado

Dente de Buda!... o Palácio fora profanado pela escrita de *slogans* dos chineses comunistas! Com um soluço de revoltado desalento, voltei-me para olhar noutra direcção.

Um caminhão vinha pela estrada, passou através de mim — pois eu era um corpo astral, fantástico e sem substância — e parou pouco adiante, com um solavanco. Gritando, soldados chineses mal uniformizados saltaram dele, arrastando cinco monges na sua companhia. Alto-falantes nas esquinas de todas as ruas começaram a funcionar, e em tom enérgico sob as suas ordens, a praça onde eu encontrava-me logo se encheu de gente. E encheu-se depressa, porque haviam fiscais chineses com chicotes e baionetas a açoitarem e a empurrarem quem não andasse depressa. A multidão, formada por tibetanos e colonos chineses, parecia abatida e mal nutrida. As pessoas tinham gestos nervosos, e pequenas nuvens de poeira erguiam-se do chão sob os seus pés, levadas pelo vento da tarde. Os cinco monges, magros e ensanguentados, foram brutalmente atirados ao chão, de joelhos. Um deles tinha o globo ocular esquerdo fora da órbita, dependurado sobre a face, e eu o conhecia bem, pois fora um acólito no meu tempo como lama. A multidão taciturna tornou-se silenciosa e parada, enquanto um jipe de fabricação russa surgia disparado pela estrada, provindo de um edifício com o nome de “Departamento de Administração Tibetana”. Tudo ficou silencioso e tenso, enquanto o veículo fazia uma volta ao redor da multidão e parava a uns três metros atrás do caminhão. Os guardas puseram-se imediatamente em sentido, e um chinês autocrático desembarcou do veículo, com plena atitude arrogante.

Um soldado apressou-se a ir ter com ele, desenrolando um fio enquanto andava. E diante do chinês autocrático, ele fez continência e ergueu a mão com um microfone. O Governador, ou Administrador, ou que nome e título julgasse ter, olhou desdenhosamente ao redor, antes de falar pelo instrumento.

— Vocês foram trazidos aqui — disse, então — para testemunharem a execução destes cinco monges reaccionários e subversivos. Ninguém poderá contestar a marcha do glorioso povo chinês, sob a competente direcção do Camarada Mao.

Dito isso, voltou-se, e os alto-falantes em cima do caminhão foram desligados. O Governador fez um gesto a um soldado, que empunhava uma comprida e curva espada. Ele foi ter com o primeiro prisioneiro ajoelhado à sua frente, e por momentos manteve as pernas abertas, verificando com o polegar o gume da espada. Satisfeito com o exame, retomou a posição e tocou ao de leve no pescoço do homem amarrado e indefeso. Erguendo a espada bem acima da cabeça e com o sol poente a rebrilhar na lâmina, ele a fez descer com estúpida e horrífica violência. Houve um ruído abafado, seguido instantaneamente por um forte estalo, e a cabeça do pobre homem saltou dos seus ombros, seguido por um jorro de sangue que pulsou, pulsou outra vez e se transformou numa caudal menor. Enquanto o corpo se contorcia no chão de poeira, o Governador rancorosamente cuspiu nele e exclamou:

— Assim morrerão todos os inimigos da comuna!

O monge com o olho arrancado da sua órbita ergueu a activamente cabeça, e gritou:

— Viva o Tibete! Pela glória de Buda, ele se erguerá novamente.

Um soldado estava a ponto de atravessá-lo com a baioneta, quando o Governador apressadamente interveio,. Com o seu rosto contorcido por raiva brutal e desmedida, ele berrou: — Insulta o glorioso povo chinês? Por isso morrerá lentamente!

Voltou-se para os soldados berrando atrozmente ordens. Os homens corriam para todos os lados, e dois deles foram a um edifício próximo e retornaram de lá com cordas enquanto outros cortavam as amarras do monge manietado, realizando cortes nos seus braços e nas pernas ao mesmo tempo. O Governador andava de um lado para o outro, gritando para que trouxessem mais tibetanos para assistir. Os alto-falantes voltavam a berrar, e caminhões cheios de soldados vieram carregados com mais homens, mulheres e inocentes crianças para “assistir à justiça dos camaradas chineses”. Um soldado atingiu o monge no rosto com a coronha da espingarda, estourando o já pendente globo ocular e amassando-lhe o nariz. O Governador, em pé e vendo aquilo, olhou os três outros monges ainda ajoelhados e manietados no chão da estrada.

— Matem-nos a tiro! — ordenou. — Atirem atrás da cabeça e deixem os corpos por aí. Um soldado adiantou-se e sacou o revólver. Pondo-o bem atrás da orelha de um monge, accionou o gatilho. O homem caiu para a frente, morto, os miolos espalhados no chão. Sem dar atenção a isso, o soldado foi ao segundo monge e rapidamente o matou também. Seguiu para o terceiro, quando um jovem soldado interveio pedindo:

— Deixe-me fazer isso, camarada, pois ainda não matei.

Anuindo, o executante ficou ao lado, para permitir que o jovem soldado, tremendo de cruel avidez, tomasse o seu lugar. Sacando o seu revólver, o outro apontou para o terceiro monge, mas fechou os olhos e puxou o gatilho. A bala atravessou as faces do homem e atingiu um espectador tibetano no pé.

— Tente outra vez — disse o primeiro executante — e fique com os olhos bem abertos.

A esta altura, no entanto, o voluntário que errou por completo, com vergonha e medo tinha a mão a tremer tanto ao ver que o Governador o observava com desdém.

— Ponha o cano do revólver na orelha dele e atire! — disse o Governador.

Mais uma vez o jovem soldado foi ter com o monge condenado, enfiou selvaticamente o cano da arma na orelha dele e puxou o gatilho. O monge caiu para a frente, morto, ao lado dos companheiros.

A multidão aumentara, e enquanto eu por ali vi observava e vi que o monge meu conhecido fora atado pelo braço esquerdo e perna esquerda ao jipe. O braço e a perna direitos estavam atados ao caminhão. Um sorridente soldado chinês embarcou no jipe e ligou o motor. Devagar, o mais vagorosamente possível, ele seguiu à frente. O braço do monge foi arrancado, rígido como uma barra de ferro, com um ruído indescritível. O jipe prosseguiu, e com estalo alto o osso do quadril partiu-se e a perna esquerda do homem foi-lhe arrancada do corpo. O jipe parou, e o Governador embarcou. Logo depois, o veículo prosseguia na estrada pedregosa, fazendo saltar e sacudindo o corpo ensanguentado do monge moribundo. Os soldados embarcaram no caminhão e o mesmo partiu, arrastando atrás de si um braço e perna ensanguentados. Quando eu me voltava, nauseado, ouvi um grito de uma mulher, vindo de algum ponto por detrás de um edifício, seguido por uma brutal risada. Uma praga em chinês, pois era evidente que a mulher mordera quem a assaltara, e logo seguido de um grito borbulhante enquanto era apunhalada.

Acima de mim, o azul-escuro do céu da noite, literalmente pontilhado de pequeninas luzes coloridas que eram outros mundos. Muitos deles, eu o sabia, eram habitados. Quantos, fiquei pensando, seriam tão selvagens quanto a Terra? Ao redor havia cadáveres insepultos e conservados pelo ar frígido do Tibete, até que abutres e quaisquer animais selvagens os devorassem. Não havia cães para fazer isso, porque os chineses os tinham mortos a todos para os comer. Não havia mais gatos a guardar os templos de Lhasa, pois também tinham sido mortos para serem comidos pelos chineses. Quanto à morte?

Aos olhos dos comunistas invasores, a vida Tibetana não tinha mais nenhum valor mesmo além do que uma folha de relva.

A Potala estendia-se à minha frente. E agora, sob a luz fraca das estrelas, os cruéis *slogans* dos chineses combinavam-se com as sombras e não podiam ser vistos. Um farol, montado acima dos Túmulos Sagrados, percorria o Vale de Lhasa como se fora um olho maligno. Chakpori, a minha Escola de Medicina, parecia desolada e esquecida, e do seu ponto mais alto vinham os fragmentos sonoros de uma obscena canção chinesa. Por algum tempo permaneci em profunda contemplação. De repente, sem que a esperasse, uma Voz disse:

— Meu Irmão, deve afastar-se agora, pois esteve ausente muito tempo. Ao subir, olhe bem ao redor.

Devagar, ergui-me no ar, como uma semente de dente de leão tocada pela brisa. A lua surgira, iluminando o Vale e picos montanhosos com a sua luz pura e prateada. Olhei, horrorizado, para os antigos mosteiros lamaístas, bombardeados e desertos, tendo espalhados ao seu redor os destroços dos bens terrenos do Homem. Os insepultos jaziam em grotescos montes, conservados pelo frio eterno, alguns agarrados a moinhos de oração, outros sem roupa e

transformados em farrapos de carne ensanguentada pela explosão de bombas e fragmentos de metal. Vi uma Figura Sagrada, intacta, que parecia fitar compadecidamente a loucura assassina da humanidade.

Nas encostas escarpadas, onde os eremitérios se prendiam às beiras dos montes em carinhosos abraços, vi um após outro eremitério destruído pêlos invasores. Os eremitas, ali encerrados por anos seguidos em escuridão solitária, procurando adiantamento espiritual, haviam ficado cegos no momento em que a luz do sol entrara nas suas celas. Quase sem exceção, o eremita se encontrava morto, ao lado do seu lar arruinado, tendo perto de si o amigo e servidor de toda a vida, morto também. Eu não podia olhar mais. Carnificina? Estúpido assassinato dos monges inocentes e indefesos? De que adiantava? Voltei-me e pedi aos que me guiavam para afastar-me daquele cemitério. A minha tarefa na vida, eu o soubera desde o início, estava relacionada com a aura humana, a radiação que cerca por completo o corpo do homem, e através das suas flutuações da cor o observador verifica se a pessoa é honrada ou não. A pessoa doente poderia ter a sua doença presente nas cores da sua aura. Todos devem ter já reparado na névoa em torno de uma lâmpada de rua, numa noite de nevoeiro. Alguns talvez tenham percebido a bem conhecida “descarga de coroa” que os cabos de alta tensão emitem de vez em quando.

A aura humana é um tanto semelhante a isso e demonstra a força vital do indivíduo. Os artistas de tempos idos, pintavam um halo ou nimbo ao redor da cabeça dos santos. Porquê?

Porque podiam ver a aura dessas pessoas. Desde que foram publicados os meus dois primeiros livros, tenho recebido cartas de todo o mundo, e alguns dos missivistas são gente que também consegue ver a aura. Há anos que um Dr. Kilner, efectuando pesquisas num hospital londrino, verificou que podia, ver em certas circunstâncias, a aura humana. Escreveu um livro a esse respeito, mas a ciência médica não se encontrava pronta para tal descoberta, e tudo quanto ele verificara e havia aprendido foi encoberto. Eu também, a meu modo, estou realizando pesquisas, e visualizo um instrumento que tornará possível a *qualquer* médico ou cientista ver a aura de outra pessoa e curar doenças “incuráveis” mediante vibrações ultrasónicas. Dinheiro, dinheiro, é esse o problema. A pesquisa sempre se mostrou cara!

E agora, estava pensando, eles querem que eu empreenda *outra* tarefa! A respeito da troca de corpos! Lá fora houve um estrondo que fez a casa estremecer.

“Oh”, pensei. “Os homens da ferrovia estão manobrando outra vez. Não haverá mais silêncio por bastante tempo”. No rio, um cargueiro a vapor apitou lamentosamente — como uma vaca a chamar o bezerro — e à distância veio a resposta de outra embarcação.

— Meu Irmão!

A *Voz* fez-se ouvir novamente, e voltei apressadamente ao cristal. Os velhos ainda estavam sentados em círculo, tendo o velho Patriarca no centro. Pareciam cansados, esgotados, pois haviam transmitido muita força a fim de tornarem possível aquela viagem improvisada e sem preparativos.

— Meu Irmão, você viu com muita clareza o estado em que se encontra o nosso país!

Você viu o que faz a mão cruel do opressor.

A sua tarefa, as suas *duas* tarefas, estão claramente à sua frente, e você poderá ter êxito em ambas, para a glória da nossa Ordem.

O ancião cansado tinha uma expressão aflita. Ele sabia — como eu — que eu poderia recusar-me, honrosamente. Eu fora muito mal compreendido devido aos relatos mentirosos disseminados por um grupo com má disposição em relação a mim. No entanto, era um clarividente de elevado grau e muito telepático. A viagem astral, para mim, era mais fácil do que andar. Escrever? Bem, sim, as pessoas poderiam ler o que eu escrevesse e, se não conseguissem acreditar em *tudo*, nesse caso aquelas que tivessem um grau suficiente de evolução acreditariam e *saberiam* a verdade.

—Meu Irmão — disse o Velho, suavemente —, embora os não-evoluídos, os não-esclarecidos, finjam acreditar que você escreve ficção, uma parte suficiente da Verdade chegará aos seus subconscientes e... quem sabe?... a pequena semente da verdade poderá

vivificar nesta, ou na vida seguinte que tenham. Como o próprio Senhor Buda declarou na Parábola das Três Carruagens, o fim justifica os meios.

A Parábola das Três Carruagens! Que recordações vivas isso me trazia! Com que clareza eu recordei o meu amado guia o amigo, o Lama Mingyar Dondup, instruindo-me em Chakpori... Um velho monge médico estivera a reduzir os receios de uma mulher muito doente, com algumas “mentiras brancas” inofensivas. Eu, jovem e inexperiente, exprimira, chocado, surpresa, em cómoda fatuidade (presunção ridícula), pelo facto de que um monge dissesse uma inverdade, ainda que em tal emergência. O meu guia aparecera, dizendo:

— Vamos ao meu quarto, Lobsang. Consultando as Escrituras, teremos muito a ganhar. Sorriera para mim, com sua aura cálida e com um benevolente descontentamento, voltando-se e seguindo a meu lado para o seu quarto lá em cima, de onde podíamos ver a Potala.

— Chá e bolos, sim. Devemos ter alguns alimentos, Lobsang, pois com eles você também poderá melhor digerir o conhecimento.

O monge servente, que nos vira entrar, apareceu sem ser chamado, trazendo as iguarias de que eu gostava e que somente conseguia mediante os bons ofícios de meu guia.

Por algum tempo estivemos sentados, conversando ociosamente, ou melhor, eu falei, enquanto comia. E depois, quando terminara, o ilustre Lama disse:

— Há excepções em toda regra, Lobsang, e toda moeda ou símbolo tem dois lados. O Buda percorreu prolongadamente aos seus amigos e discípulos, e grande parte do que Ele disse foi escrito e conservado. Há uma narrativa muito adequada ao presente. Eu a apresentarei a você.

Armou-se melhor, pigarreou e prosseguiu:

— É o conto das Três Carruagens, assim chamado porque as carruagens despertavam um grande interesse entre os meninos daqueles dias, assim como acontece com as andas e bolos hoje em dia. O Buda falava com um dos seus seguidores, chamado Sariputra. Estavam sentados à sombra de uma das grandes árvores indianas, debatendo a verdade e a inverdade, e como os méritos da primeira são, às vezes, superados pela bondade da última.

“O Buda disse: — Agora, Sariputra, vamos examinar o caso de um homem muito rico, tão rico que podia satisfazer todos os caprichos da sua família. Era idoso e tinha uma casa grande e com muitos filhos. Desde que os mesmos haviam nascido, ele tudo fizera para protegê-lo do perigo. Eles não conheciam o perigo e não haviam sentido a dor. O homem deixou a sua propriedade e foi a uma aldeia vizinha para tratar de negócios. Ao regressar, viu rolos de fumaça erguendo-se ao céu, pelo que apressou a marcha e, ao aproximar-se da casa, verificou que ela estava arder. Todas as quatro paredes estavam em fogo, e o telhado também. Dentro da casa, os filhos ainda brincavam, pois não compreendiam o perigo que corriam. Poderiam ter saído, mas não conheciam o significado da dor, por terem sido tão protegidos antes; e não percebiam o perigo do incêndio, porque o único fogo que tinham visto era o dos fogões nas cozinhas. O homem ficou muitíssimo preocupado, pois como podia, sozinho, entrar na casa e salvar os seus filhos? Se entrasse, talvez pudesse carregar apenas um dos filhos, e os demais teriam continuado a brincar, achando que se tratava de algum divertimento. Alguns eram muito novos, e poderiam ter andado e entrado nas chamas que não haviam aprendido a recear. O pai foi ter à porta e chamou: — Meninos, meninos! Venham cá para fora. Venham para aqui, imediatamente!”

Os meninos, no entanto, não quiseram obedecer ao pai, queriam continuar a brincar, juntar-se no centro da casa, distantes do calor cada vez maior que não compreendiam. O pai pensou: “Conheço bem os meus filhos, as diferenças dos seus caracteres, todas as subtilidades do temperamento; sei que apenas sairão se acharem que vão ganhar alguma coisa com isso, algum brinquedo novo que houvesse aqui fora”. E assim voltou à porta e chamou, em voz alta: — Meninos, meninos! Venham cá imediatamente. Eu tenho aqui brinquedos para vocês, perto da porta. São carruagens de bois, de bodes e uma carruagem tão ligeira quanto o vento, porque é puxada por um veado. Venham depressa, ou não as ganharão.”

Os meninos, sem recearem o fogo e os perigos do telhado incendiado e as paredes em chamas, mas receando apenas perderem os brinquedos prometidos, vieram às pressas. Vieram a correr,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

